

# O que tem de Angola no Brasil e vice-versa?

Com base em seus estudos e em experiências pessoais, três especialistas de formações distintas relatam suas descobertas sobre essa convivência tão estreita

“Os funcionários negros do hotel usavam luvas brancas e fraque”



Beatriz Bissio  
Jornalista e doutora em História pela UFF

LANÇAMOS OS *Cadernos do Terceiro Mundo* em setembro de 1974, em Buenos Aires. Já no editorial do número 1, a revista deixava claro que pretendia estabelecer pontes com as lutas por independência na África. Este assunto estava fora da imprensa internacional. O momento era difícil para isso: as ditaduras explodindo na América Latina, éramos todos exilados, e compor uma rede de correspondentes num tempo em que nem havia telex era uma coisa maluca. Depois de seis números tivemos que deixar a Argentina por causa do golpe. Mas em 1975, o pessoal de Angola e Moçambique nos chamou para acompanhar de perto a independência. Fomos a única revista a cobrir aqueles acontecimentos, e depois atendemos a um pedido do primeiro presidente de Angola, Agostinho Neto: “Não temos material nem para alfabetizar”.

Passamos a fazer uma edição em português para ser usada na alfabetização de adultos. Éramos a única revista a circular em Angola. Não tinha uma linguagem pedagógica, mas diante daquele deserto, pelo menos as temáticas de que falávamos eles sentiam na pele. Ninguém sabia se Agostinho Neto ia durar três dias no poder. Luanda declarou independência quando havia frentes de batalha a apenas 15 quilômetros, sem água, sem comida e, muitas horas, sem luz. E os funcionários negros do nosso hotel ainda seguiam a pompa e a etiqueta portuguesas: usavam luvas brancas e fraque e apresentavam um cardápio enorme forrado de veludo. Mas dentro havia apenas uma folhinha, com um único prato: peixe frito.

Hoje Angola começa a respirar o anseio de voltar às origens: uma sociedade solidária, integradora e não excludente. O que naquele momento se chamava socialismo é bem condizente com o espírito africano: tanto na África como no Oriente, há uma cultura muito forte da vida em comunidade.

O sentimento de Angola em relação ao Brasil é de grande simpatia, identificação e encantamento. Mas também de certa mágoa, porque, apesar do discurso pró-África, o Brasil não tem sido tão importante quanto se esperava. Apesar dos avanços, poderia estar mais próximo.

“Rituais religiosos estavam ligados a movimentos de rebelião”



Robert Slenes

Professor titular do Departamento de História da Unicamp

COM BASE EM RELATOS SOBRE CULTOS religiosos praticados no Espírito Santo (em 1900), no Vale do Paraíba fluminense (1848) e no oeste paulista (1854), é possível comparar a morfologia desses rituais com o antigo reino do Congo. Naquela região da África há vários nomes de cultos, mas todos com a mesma seqüência de rituais. *Kimpasi*, que quer dizer sofrimento, é um tipo de culto de aflição, de morte simbólica e renascimento a partir da posse de um espírito individual, com nome específico. Cultos muito parecidos aparecem nos registros da *cabula* do norte do Espírito Santo e em São Roque (SP). Vários vocábulos e frases têm grande ressonância com as línguas quimbundo e quicongo. As figuras antropomórficas que ficavam no altar são chamadas *pakulo*, a mesma palavra usada para ancestrais em quicongo e quase a mesma do quimbundo: *makulo*.

Isso mostra que, já em meados do século XIX, todo o Sudeste era uma única área cultural para os escravos. Não havia tantas diferenças entre os escravos que chegavam: a região da África Central, de onde vinha a maioria deles, tinha unidade cultural e lingüística.

Os rituais de 1848 e 1854 também estavam ligados a movimentos de resistência. Em Vassouras e Valença (RJ), houve evidências de um plano de rebelião escrava, com organização política dos sacerdotes e comunicação entre as fazendas em forma de células. Num discurso em 1854, o ministro Eusébio de Queiroz, para defender a lei aprovada em 1850 proibindo o tráfico negreiro, mencionou aqueles eventos: segundo ele, a rebelião acordou os fazendeiros para o perigo que representava o tráfico no volume a que havia chegado. Historicamente, os cultos tinham esse lado: a cura podia ser no plano religioso, mas também no plano político. No antigo reino do Congo, a elite levava muito a sério esses rituais,

que poderiam levar à revolta política. Os belgas, no início do século XX, também tinham receio em relação a eles.

“Falamos bantu sem saber”



Yeda Pessoa de Castro

Etnolinguísta e consultora técnica de Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa

AINDA HOJE, OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS privilegiam o iorubá. O que é um equívoco, pois 75% dos africanos trazidos pra cá eram bantu-falantes, oriundos de territórios situados atualmente nos dois Congos e em Angola. Em meados do século XVII, o contingente bantu era de tal ordem em Salvador que um padre, Pedro Dias, resolveu escrever uma gramática para facilitar a catequese dos africanos. Várias palavras bantu substituíram as de sentido equivalente em português, como *xingar* por insultar, *cochilar* por dormir, *bunda* por nádegas e *cachaça* por aguardente.

Os sistemas lingüísticos do bantu e do português arcaico são muito próximos, o que teria permitido uma aglutinação, uma mistura muito bem resolvida. E é a mulher africana quem está na base de todo este entrosamento cultural, como uma espécie de porta-voz entre a casa-grande e a senzala. Ela participa da vida cotidiana do colonizador, servindo-lhe de mucama e de babá. Com ela os meninos brancos aprendem a falar. Assim africanizamos o português de Camões, numa verdadeira antropofagia lingüística. Por isso, no Brasil, onde está a maior população de ascendência negra fora da África, não existe um crioulo como segunda língua, ou mesmo como língua nacional. Em Angola e Moçambique também não, e pelo mesmo motivo. Já em Guiné, outra colônia portuguesa, é diferente: lá não se falava bantu, e o encontro com a língua portuguesa foi mais conflituoso.

Resultado: hoje falamos bantu sem saber. Caxumba, marimbondo, senzala, maconha, dengo, samba, quilombo, mucama...